

Auto-ironia na obra Sayed Kashua: o antigo “humor judaico” reaparece em solo israelense

Dra. *¹Juliana Portenoy Schlesinger

Resumo

Este trabalho consiste na análise da obra de Sayed Kashua sob o viés do humor utilizado pelo autor para tratar de questões relacionadas à sua identidade árabe-israelense. Dotado de auto-ironia, este humor assemelha-se ao humor judaico dispórico, no qual o alvo da piada é si mesmo.

Palavras-chave: Sayed Kashua, auto-ironia, humor, Israel, literatura hebraica.

No começo do século XX, Freud declarou que o riso é um alívio diante da razão². Não é à toa que ele via no humor judaico a tentativa por excelência de evasão da tensão. Isso porque foi durante o século XIX na Europa Oriental, época e local em que os judeus se encontravam em perigo real de vida e onde as condições de vida eram as piores possíveis, que se desenvolveu este humor judaico, dotado de características próprias que, segundo a teoria psicanalítica, os ajudou a lidar com o terrível perigo que enfrentavam. Este humor, cuja língua maior de expressão era o iídiche, se espalhou por todo aquele continente e chegou inclusive aos Estados Unidos devido à imigração massiva de judeus para lá.

Na Europa Oriental do século XIX os judeus não tinham direitos de cidadãos e eram obrigados a viver em locais isolados, em vilas e cidades (nos *shteitels*), e representavam uma minoria em todos os sentidos (língua, religião e costumes).

Num contexto de dificuldade, o ser humano pode escolher diversos mecanismos de proteção para lidar com a realidade: culpa (“Este é o meu destino e eu não tenho opção

1

Juliana Portenoy Schlesinger é doutora da área de Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas e Língua, Literatura e Cultura Árabe da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: juportenoy@gmail.com.

* Toda tradução de textos utilizada neste artigo, cujos originais foram escritos em hebraico, foi realizada pela autora e é de sua responsabilidade.

2

FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente*, 1905.

senão aceitar esta realidade amarga”), mecanismo este que pode provocar depressão e tristeza; pode escapar da realidade por meio da patologia (quando o homem não suporta sua realidade, ele cria uma outra) e pode negar sua condição (“Isso não está acontecendo”). Outra possibilidade é usar o humor como um meio de defender-se da opressão, possibilidade que a diferencia das outras por utilizar-se de meios ativos, e não passivos, para sobreviver ao problema, pois o humor faz uso tanto da imaginação como da realidade.

O riso permitiu ao povo judeu não só não ignorar a dura realidade, como também ter consciência de seu absurdo; não somente chorar, mas também reagir de maneira oposta. O humor judaico pode ser visto dentro deste contexto como uma reação a sua situação de estrangeirismo, opressão e sofrimento. Diferentemente de outros povos, que se utilizaram de revoluções físicas como forma de existência, as revoluções judaicas eram intelectuais por essência.

Contra os não-judeus o humor era usado como meio de proteção e de se sentir melhor, pois não havia outro meio senão o intelectual de combatê-los. Por outro lado, o humor judaico surgiu, também, como uma arma para lidar com aqueles membros da própria comunidade judaica que não estavam a favor de uma revolução intelectual no final do século XIX e começo do século XX.

O humor judaico ficou conhecido pelo uso da auto-ironia. O humor irônico tornou-se uma arma daqueles judeus que queriam mudar a sua vida pelo menos no mundo da imaginação. Shalom Aleichem expressa esta ironia desta forma:

“Meu querido Iankale, você me pediu que eu escrevesse a você longamente e o faria com boa vontade, mas não tenho muito o que escrever. Os ricos continuam ricos e os pobres continuam morrendo de fome. O que há novo nisso? Em relação aos pogroms³, graças a Deus, não temos mais o que temer, pois já aconteceram – na verdade, já aconteceram dois e não valia a pena para eles fazer um terceiro. Todas as famílias sobreviveram aos pogroms exceto o Lipi, que foi morto junto a seus dois filhos, Noach e Mordechai, os três excelentes profissionais. Você me perguntou a respeito do Hershel, que está desempregado há mais de meio ano. Isso porque na prisão não o permitem trabalhar. Mendel fez algo de inteligente, ele simplesmente morreu. Alguns dizem que morreu de fraqueza, outros de fome. Pessoalmente, eu acho que ele morreu dos dois (...)”. (Idem, p. 22).

Na visão psicanalítica, o humor é um meio de proteção construtivo de busca do eu. Freud (1905) dizia que rir de situações de medo ajuda a alterar a sua relação com ele. Esta possibilidade de utilizar-se do humor em situações tão trágicas, de misturar a dor e o riso, a tragédia e a comédia, deu ao humor judaico o apelido de “riso no choro”. A ironia, que ocorre na fusão da comédia e da tragédia, pode ter como alvo uma situação, o outro ou si próprio. Tal como o humor negro, o humor próprio é uma forma de proteção encontrada pelo próprio humorista. Ao contrário do humor agressivo, no qual se ri do outro, o humor próprio atira a flecha contra si mesmo. Esta piada ilustra este humor auto-agressivo: “Não me ataquem. Eu mesmo faço isso, melhor do que ninguém” (p. 22). O uso do humor próprio, os judeus rindo de suas próprias fraquezas como judeus, tornou-se a grande característica do humor judaico.

Muitos autores acreditam que este tipo de humor, que permitiu a um povo coerência e conservação de sua identidade, não seja propriedade do humor judaico. É possível encontrar estas características em outros povos, assim como é possível ver no humor judaico influências externas, como o humor inglês e o francês. Outros acreditam que, pelo o fato de o humor judaico ter nascido num contexto específico de perseguição e repressão, ele não pode ser comparado a nenhum outro humor.

O humor judaico em solo israelense

A condição de minoria parece estar intrinsecamente ligada ao típico humor judaico auto-irônico. Se ele foi associado à condição judaica na diáspora de minoria perseguida, em outros contextos de maior assimilação da comunidade à sociedade a sua volta, a obtenção de iguais direitos e liberdade de expressão e de culto certamente influenciam no teor deste humor. Mas foi em Israel, único local onde o povo judeu deixou de ser minoria, que o humor judaico sofreu seu maior revés, ao ponto de ele ter deixado de ser chamado de humor judaico e de ter se transformado simplesmente para alguns em “humor israelense”. Assim Ziv (1986) descreve a mudança ocorrida neste humor:

“Em Israel, os judeus deixaram de ser minoria e passaram a ser maioria. O iídiche deixou de ser falado entre a elite e foi substituído pela língua renascida hebraica (...). Em Israel, local onde os judeus são a maioria que se encontra no comando, o iídiche quase desapareceu. As características do humor judaico na diáspora, que ajudou os judeus a sobreviver aos perigos de uma minoria reprimida, não mais preenchem função importante. Ao humor israelense não sobrou muito do humor judaico (...)” (Ziv, 1990, p. 11).

Outros autores têm uma posição mais drástica e pessimista quanto ao humor judaico em Israel. Mikes (In Ziv, 1990, p. 28), questiona-se: “O que aconteceu com o famoso humor judaico? Parece-me que ele desapareceu quando chegou a Israel”.

Se existe um humor judaico israelense, a sua função não é a mesma daquela que ele exercia no exílio⁴. A mudança drástica pela qual passou o povo e a conquista do Estado de Israel depois de mais de dois mil anos de exílio refletem-se na mudança no humor do povo.

Contudo, constatar que o humor judaico não encontrou terreno fértil em Israel é talvez um exagero, mas são poucos aqueles que se destacam na crítica dotada de humor.

Mas nem só de humor judaico vive o humor israelense. Quando falamos em “humor israelense”, erroneamente nos restringimos ao humor judaico israelense. Afinal, se os judeus constituem no Estado de Israel 80% da população, restam-nos 20% de uma população minoritária que pode ter encontrado em Israel uma área frutífera para a expressão bem humorada de sua condição.

Se comédia e tragédia não podem ser claramente diferenciadas em muitas das obras daqueles judeus que viviam em situação de precariedade máxima na Europa Oriental do século XIX, na obra do escritor árabe-israelense Sayed Kashua, humor e tragédia se encontram decididamente na ironia e são impossíveis de serem dissociados um do outro. Kashua, jovem escritor e jornalista nascido em 1975 na cidade de Tira, utiliza-se do humor combinado à tragicidade para tratar dos temas apresentados por ele, como a exclusão, repressão, preconceito e discriminação.

Mas o que torna a obra de Kashua comparável àquelas próprias do humor judaico tradicional é que todos estes temas florescem não somente dentro da sociedade em que ele é uma minoria, mas também dentro de seu próprio povo e, principalmente, dentro de si mesmo. Sua manifestação contra aquilo que o oprime não se restringe aos judeus. Ela atinge sua própria comunidade e identidade muçulmanas.

Segundo Kashua⁵, o uso que ele faz do humor em sua obra serve a ele como uma máscara de proteção para falar de sentimentos difíceis e doloridos, para tratar de episódios que causam a ele dor e muitas vezes vergonha. Os temas por ele tratados são sensíveis ao ponto de ele ter sua obra censurada na maior parte do mundo islâmico e sofrer ameaças por parte daquela população. Segundo Kashua, isso acontece porque o outro (muçulmano israelense) vê a si mesmo nas suas personagens e a imagem que ele vê não o agrada nem lhe causa orgulho.

4

Ziv (1986) utiliza-se da palavra exílio para designar o local onde o judeu vivia fora da Palestina ou, posteriormente, de Israel. Alguns autores preferem utilizar-se da palavra “diáspora” após o estabelecimento do Estado de Israel.

5

Em entrevista concedida à autora em fevereiro de 2009 em Jerusalém

O humor do árabe israelense, mesmo quando escrito em hebraico⁶ (como acontece no caso de Kashua), só torna-se irônico e trágico quando visto sob a perspectiva de uma minoria que se sente alvo de preconceito e discriminação. O humor de Kashua seria realmente engraçado se não fosse trágico. O riso trágico do qual ele se utiliza só poderia tomar forma na ironia, pois a sua tragédia (nos campos pessoal e social) é tão explícita (mesmo quando fantasiada de comédia), que só na ironia ela poderia se expressar e sobreviver.

Na sua coluna semanal no prestigioso periódico israelense *Haaretz*, Kashua costuma retomar aquele famoso e malfadado humor judaico do século XIX, no qual, dentro de uma situação degradante, o alvo da gozação é sempre si mesmo. Numa crônica publicada em sua coluna do dia de 6 de março de 2009, assim relatou a relação de seu protagonista com seu vício pela bebida⁷ e o sentir-se alvo de preconceito:

“(...)‘Desculpe-me’, disse o segurança fora do restaurante ao impedir minha entrada, ‘você não pode entrar aqui’. ‘Que vergonha, seu racista desgraçado’, eu disse a ele dirigindo-me à minha esposa. ‘Por que você me traz a um lugar imundo como este, que não deixa árabes entrarem?’, elevando minha voz com raiva. ‘Não tem nada a ver’, disse minha esposa tentando me acalmar e voltando-se para o guarda num tom convincente. ‘Ele parou de beber’. ‘Realmente?’, perguntou o guarda, incapaz de esconder seu olhar atônito. ‘Sim, parou’, confirmou minha esposa. O guarda tirou seu fone de ouvido, arrumou sua jaqueta e sussurrou algumas palavras antes de nos abrir a porta do restaurante: ‘Entrem, por favor, e tenham uma ótima noite’. ‘Você não se lembra?’, perguntou ela depois de termos pedido uma jarra de limonada. ‘A última vez que você esteve aqui, tiveram que chamar a polícia’. ‘Eu sinto muito’, disse balançando a cabeça (...)”

O diálogo no bar entre o protagonista e sua esposa continua. Kashua prossegue abordando o tema relacionado ao preconceito e, de maneira altamente sarcástica, retrata de que forma ele contra-reege à discriminação:

6

O árabe é língua-mãe e língua nacional dos cidadãos árabes israelenses. O dialeto arábico-palestino e o árabe são suas línguas coloquiais, incluindo o conhecimento do árabe moderno (Spolsky e Shohamy, 1996). O uso do árabe é oficialmente reconhecido na área da educação e esfera pública israelenses. Apesar disso, a maioria dos árabes israelenses é bilíngüe em árabe e hebraico. A influência do hebraico no repertório sociolinguístico dos árabes israelenses também é instrumentalmente motivada. Uma penetração maior do hebraico na vida de árabes israelenses é vista entre aqueles mais jovens que receberam maior nível de instrução. Em cidades de maioria árabe, como Nazaré, verifica-se um aumento do domínio do hebraico pela população local, sendo que os mais jovens são empregados no setor falante do hebraico. Em cidades de população mista, como Jafa, Haifa e Jerusalém, a população local costuma ter contato próximo à população falante do hebraico e é verificado um grande desenvolvimento da proficiência em hebraico, mesmo que a custo da manutenção do árabe (SCHLESINGER, 2005).

7

Kashua relata frequentemente em suas crônicas o vício de seu protagonista por bebidas alcoólicas e sua dificuldade em se manter longe da droga.

“(…)‘Eu devo ter me comportando como um péssimo marido’ (na noite em que foi expulso do bar). ‘Você foi horrível’, ela disse. ‘Eu me desculpo de novo e quero que você saiba que farei de tudo para ser um homem de família exemplar’. ‘Maravilha’, ela disse, ‘você terá uma oportunidade já neste domingo. É Purim⁸ e as crianças têm uma festa’. ‘Sim, é verdade. Eu havia prometido a elas que eu até me fantasiaria. Só ainda não me decidi do que. Você tem uma idéia?’. ‘Nenhuma. Só não se vista como nos últimos dez anos’. ‘O que você quer dizer? Do que eu me vesti?’. ‘De judeu’. ‘O que?’, eu ri, ‘Um judeu ortodoxo? Com chapéu e *tzitziot*⁹?’ ‘Não, só judeu’. ‘Como alguém se fantasia de judeu? O que eu fiz, vesti roupas diferentes?’. ‘Não. O mesmo de sempre. Você se levantou na manhã de Purim e gritou ‘Eu sou um judeu’. Onde quer que fosse na Cidade Velha, numa doceira ou na festa na escola das crianças, você anunciava que era um judeu’. ‘OK, parece esquisito, mas por que você está brava? Não parece terrível’. ‘Não? Colocar as crianças em fila e as humilhar por causa de sua origem não é terrível?’ ‘Eu...’, eu hesitei. ‘Vir para casa bêbado e gritar que não sabia por quê sua mãe te deixou se casar com uma mulher árabe não é horrível?’. Meu rosto ardeu de vergonha. Minha esposa ficou em silêncio e o garçom chegou na nossa mesa por engano com um copo de whisky que me pareceu especialmente tentador. ‘Não, é um erro’, eu disse rapidamente. ‘Não fomos nós que pedimos’. ‘É para mim’, disse minha mulher com raiva. Ela tirou o copo da bandeja e tragou a bebida num único gole”. (*Haaretz*, 6 de março de 2009).

No caso desta crônica, poder-se-ia dizer que o riso causado no leitor é o riso da angústia. A condição do árabe na sociedade israelense conforme vista pelo protagonista, alvo de preconceito, sua tentativa de imitar o judeu e discriminar o árabe (como no caso quando ele chega em casa bêbado, discrimina a mulher por sua origem árabe e coloca os filhos em fila – o que de fato nos remete a um Campo de Concentração), a bebida como escapatória, seriam somente trágicos se não fosse um árabe falando de si mesmo. O fato de ele expor sua difícil condição de discriminação na sociedade israelense e a sua maneira um tanto idiota de reagir a ela, mesmo quando esta não necessariamente o está discriminando (como no caso do porteiro), faz com que nos identifiquemos com sua fragilidade e riamos. Para Feldman (2006, p. 98), “na tragicomédia moderna, a comédia não presta iluminar, mas para aprofundar a tragédia”. Este é o caso desta crônica.

Na obra de Kashua, o uso que o autor faz do humor, normalmente ao retratar seu protagonista de forma caricaturesca como uma pessoa mal sucedida, angustiada e fracassada, torna seus textos extremamente auto-irônicos.

8

Purim é uma festa pós-bíblica do calendário judaico que relembra o quase etnocídio que teria sido perpetrado por um governante da Pérsia contra os judeus se não fosse a perspicácia de Rainha Ester. Fantasiar-se está entre os diversos costumes de comemoração da festa.

9

No singular *tzitzit*, os *tzitziot* aos quais a personagem se refere são as franjas do *talit katan* (espécie de camiseta dotada de quatro pontas utilizada por baixo da camisa) visíveis, principalmente usado por judeus ortodoxos.

Sobre a tentativa do árabe de seu assimilar à sociedade israelense maior, assim está descrito em um trecho do seu livro *Aravim Rokdim* (2002):

“Na semana seguinte (em que entrei para o internato) tirei o bigode. Disse a Adel que nós precisávamos aprender a dizer a letra *p*. Ele não estava nem aí. Por recomendação do professor de Bíblia Hebraica, coloquei um papel na boca. ‘Se o papel se mexer, é sinal de que conseguiu falar o *p*’. Adel gritou comigo e quando o papel se mexeu, ele disse que não via mudança alguma. Ele estava convencido de que não havia diferença entre as duas letras, que era tudo coisa da minha cabeça, que o hebraico era uma língua de merda. Ele não entende por que é preciso duas letras para a pronúncia do mesmo som” (p. 74).

O anti-herói de *Aravim Rokdim* faz-nos rir na sua tentativa de exprimir o *p*. No filme *A Banda (Bikur Hatizmoret, 2007)*, um grupo de músicos que havia sido convidado para tocar na inauguração de um centro cultural árabe na cidade de Petach Tikva, em Israel, acaba chegando por engano à cidade perdida no deserto de Beit Hatikva pelo o fato de não conseguirem pronunciar a letra de forma correta, o que torna a visita da banda a Israel um grande fiasco. Mais uma vez no caso deste trecho, Kashua coloca seu protagonista no alvo da crítica. Além de tirar o bigode (o árabe de bigode é mais que caricaturesco), o anti-herói decide que vai aprender a pronunciar uma letra, atitude ridicularizada por seu amigo árabe, em sinal de sua tentativa de assimilação à sociedade judaica maior.

Em mais uma passagem de *Aravim Rokdim*, Kashua expõe de maneira bem-humorada a dificuldade de o povo árabe-israelense lidar com sua identidade.

“Uma vez o nosso professor de história (...) perguntou se alguém de nós sabia o que é Palestina, mas ninguém da classe soube responder. Eu também não. Depois, ele perguntou sarcasticamente se alguém de nós viu um dia um palestino e o gordo do Mohamed, que tinha medo de receber uns tapas, disse que uma vez, quando ele estava andando de carro com seu pai no escuro, viu dois palestinos. Naquele dia, o professor bateu em todas as crianças da classe e deu muitos socos no gordo do Mohamed. Ele batia com a régua e gritava: ‘Nós somos palestinos, vocês são palestinos, eu sou palestino, seus idiotas, eu vou ensinar a vocês quem vocês são, seus animais!’” (p. 75)

Kashua é o roteirista do programa televisivo humorístico *Trabalho Árabe (Avodá Aravit)*, que trata com muita ironia a relação de dupla fidelidade do árabe israelense com o Estado de Israel. Em um dos episódios, um casal de origem árabe está esperando um filho. Todos os resultados dos testes pré-natais são limítrofes. Nem o casal nem os médicos entendem o porquê até que os futuros pais descubrem que sua cama, local onde o feto havia sido concebido, encontrava-se exatamente na fronteira entre Israel e Territórios Ocupados. Na medida em que o casal muda a cama de lugar e a centraliza em território israelense, os testes começam a dar resultados normais.

Mostrar sua cara mais humana, por mais frágil que ela seja, é tarefa difícil. Também entre os árabes israelenses, o humor de Sayed Kashua é animal em extinção. Cabe a nós valorizarmos a inteligência e a coragem destes micos-leões-dourados da fauna israelense.

BIBLIOGRAFIA

AL-HAJ, Majid. Multiculturalism in deeply divided societies: the Israeli case. **International Journal of Intercultural Relations** (Haifa, Israel), v. 26, p.169–183, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

BTSELEM - Fatalities since the outbreak of the second intifada and until operation "Cast Lead". Disponível em www.btselem.org. Acesso em 10 de novembro de 2010.

BRENNER, Rachel Feldhay. **Inextricably bonded**: Israeli Arab and Jewish writers re-visioning culture. The University of Wisconsin Press, Madison, 2003.

CENTRAL ISRAELENSE DE ESTATÍSTICAS, 2007. Disponível em www.cbs.gov.il. Acesso em 29 de novembro de 2010.

COHEN, Raanan. **Zarim Beveitam**: aravim, iehudim, mediná (Estrangeiros em sua casa: árabes, judeus, Estado). Tel Aviv, Israel: Ed. Dionon, 2006.

ERETZ ACHERET. *Chazon Arviei Israel: aravim vyiehudim mul hamismachim hechadashim* (A visão futura dos árabes israelenses: árabes e judeus diante dos novos documentos). Israel, v. 39, abril-maio, 2007

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HANDELMAN, Don. Contradições entre cidadania e nacionalidade: suas consequências para etnicidade e desigualdade em Israel. **International Journal of Politics, Culture and Society**, v. 7, n. 3, 1994 (tradução de Saul Kirschbaum – Contradictions between **Citizenship** and **Nationality**: Their Consequences for Ethnicity and Inequality in Israel).

HAKIVUN MIZRACH – **Tzoakim et shimcha beharbe leshonot: al zehut hahibridit beIsrael** (Gritam o seu nome em muitas línguas: sobre identidade híbrida em Israel) (em hebraico), Tel Aviv: Ed. Bimat Kedem, 2007, v. 14, 108 p.

KASHUA, Sayed. **Aravim Rokdim (Árabes Dançantes)** (em hebraico). Tel Aviv: Modan, 2002.

_____. **Vaichi Boker (Fez-se a manhã)** (em hebraico). Jerusalém: Keter, 2004.

_____. **Guf Sheni Iachid (Segunda Pessoa do Singular)** (em hebraico). Jerusalém: Keter, 2010.

KIMMERLING, Baruch e MIGDAL, Joel S. **Palestinians**: the making of a people. Massachusetts, Cambridge: Harvard University Press, 1993.

KIRSCHBAUM, Saul et al. **Transliteração do hebraico para leitores brasileiros**. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

[LEJEUNE, Philippe](#). **O Pacto Autobiográfico**. Belo Horizonte: Editora [UFMG](#), 2008.

PELED, Yoav. Ethnic Democracy and the Legal Construction of Citizenship: Arab Citizens of the Jewish State, **American Political Science Review**, v. 86, p. 43-443, jun. 1992.

ROSENTHAL, Ruvik. **Milon Hasleng Hamakif** (Dicionário da Gíria Israelense) (em hebraico). Jerusalém: Ed. Keter, 2006.

ROUHANA, Nadim. **Palestinian Citizens in an Ethnic Jewish State: Identities in Conflict**. New Haven: Yale University Press, 1997.

ROZENCHAN, Nancy. **Literatura Hebraica – vertentes do século XX**. São Paulo: Editora Humanitas, 2004.

RUSHDIE, Salman. **Pátrias Imaginárias**. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1994.

SCHLESINGER, Juliana Portenoy (dissertação de Mestrado). **Languages reveal boundaries of identity in a Bilingual Arabic-Hebrew Kindergarten in Jerusalem**, Universidade Hebraica de Jerusalém, 2005.

_____. **Conflitos identitários do árabe israelense: Aravim Rokdim de Sayed Kashua** (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas e Língua, Literatura e Cultura Árabe, Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

SEGUEV, Tom. **Elvis in Jerusalem: Post-Zionism and the Americanization of Israel**. Nova York: Metropolitan Books, 2002.

SMOOHA, Sammy. Existing and alternative policy towards the Arabs in Israel. **Ethnic and Racial Studies**, v. 5, p. 71-98, 1982.

_____. Ethnic Democracy: Israel as an Archetype. **Israel Studies**, v. 2, p. 198-241, 1997.

SNIR, Reuven. **Araviut, iahadut, tsionut – maavak zehuiot beitsiratam shel iehudei Irak** (Arabidade, judaísmo, sionismo – confronto de identidades nas obras dos judeus iraquianos) (em hebraico). Jerusalém, Machon Ben-Tsvi lecheker kehilat Israel bemizrach, 2004.

YIFTACHEL, Oren (a). Israeli Society and Jewish-Palestinian Reconciliation: 'Ethnocracy' and Its Territorial Contradictions. **Middle East Journal**, v. 51, p. 505-519, 1997.

XII Congresso Internacional da ABRALIC
Centro, Centros – Ética, Estética

18 a 22 de julho de 2011
UFPR – Curitiba, Brasil